

Paulo Freire e Formação de Professores: saberes antropofágicos e interculturais à prática educativa

SILVA, Ivete Souza da

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Educação. Curso de Doutorado em Educação.

ivedasilva@yahoo.com.br

O presente trabalho é parte do resultado de minha tese de doutoramento a qual busca trazer contribuições teóricas e epistemológicas para a Formação de Professores através dos pressupostos da Antropofagia Cultural Brasileira e, de alguns de seus desdobramentos, numa perspectiva intercultural de educação. Paulo Freire é entendido como um dos exemplos de práticas antropofágicas na educação, o qual, por meio de suas andarilhagens de educador e cidadão brasileiro, construiu e apresentou ao mundo alguns saberes indispensáveis à prática educativa. Freire por meio da corporeificação de sua palavra nos deixou um exemplo de pedagogia a ser reinventada e recriada, pois, como ele mesmo dizia, “quem quiser me seguir, que reinvente meu pensamento” (FREIRE, 2002). Dessa forma, com o intuito de reinventar e recriar as ideias freireanas, proponho pensar a contribuição antropofágica e intercultural de seus saberes para a educação de maneira geral e, para a formação de professores em particular.

Palavras-chave: Paulo Freire; Formação de Professores, Antropofagia Cultural Brasileira, Educação Intercultural.

Conversa introdutória

Atualmente, um dos maiores desafios colocados à educação de maneira geral, e a educação escolar em particular, tem sido o de lidar com as diferentes formas com que as pessoas se expressam e vivem no mundo. Essas formas de expressão estão diretamente relacionadas com a cultura a que cada um pertence, e, também, com suas experiências e vivências. O conjunto desses elementos compõem o repertório de saberes e fazeres de cada um, os quais são inseridos no processo educativo a medida em que as pessoas ali presentes se manifestam, riem, choram, aprendem, enfim, atuam. Embora difícil, não há como fugir desse encontro e confronto com o diferente, dentro do espaço escolar. Nós seres humanos, como dizia Freire (1983), nos diferenciamos dos outros animais, justamente, pela necessidade que sentimos de atuar no espaço em que vivemos. E é a nossa atuação no mundo que o transforma, e modifica a nós mesmos.

Dessa forma, nós, homens e mulheres, estamos em constante atuação no mundo. E a escola é um espaço rico de atuação, mesmo que estas, por vezes, tentem abafar o diferente, fazendo de conta que ele não existe. Até mesmo a negação é uma forma de atuação no mundo. No entanto, é preciso nos perguntarmos, que espaço estamos

construindo baseado na negação e no medo de lidar com o diferente, com o estranho e com o estrangeiro. Pois, é dependendo da forma como entendemos o mundo e atuamos nele que o transformamos, tanto para melhor, como para pior. A formação de professores(as) precisa repensar seus caminhos e, com isso, escolher quais saberes e quais fazeres quer manter. Pois o que temos visto é, muitas vezes, uma educação distante da vida. Uma educação livresca que repete conceitos e fórmulas prontas para que os alunos decorem e retornem a resposta em forma de provas e trabalhos. Essa educação está longe de fazer sentido, tanto para o educando quanto para o educador, pois, ambos estão sendo reprodutores de ideias que se quer entendem, ou refletiram sobre elas. Por mais cômoda que essa situação possa parecer, ela só nos mostra o quanto as práticas educativas vivenciadas na escola estão afastadas da vida das pessoas que lá estão. Dessa forma, não é difícil entender os números alarmantes de evasão escolar, ou os índices vergonhosos de desempenho dos nossos educandos apontados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais).

A educação é vida. É no *fluir do viver* (HENZ, 2009) que ela acontece e não na estagnação. Educação é movimento e transformação aguçada pela curiosidade e pelo desejo. Cabe também a nós professores e professoras, buscar construir espaços de convivência onde os diferentes possam dialogar e resolver seus conflitos de forma respeitosa. Pois, se quisermos construir uma educação com princípios interculturais, precisamos como bem afirma Fleuri (2003), mais do que conhecer ou aceitar as diferentes pessoas e culturas, aprender a lidar com as relações estabelecidas por estas. As pessoas ao adentrarem o espaço escolar, levam consigo seus saberes, fazeres e experiências, oriundos de sua cultura e de suas vivências no mundo, os quais não devem ser ignorados no fazer pedagógico. Considerando a importância de tais aspectos, trago nesta pesquisa a contribuição dos saberes antropofágicos e interculturais contidos nas ideias de Paulo Freire para pensarmos a formação de professores(as) e a construção de suas práticas educativas.

A educação, como bem afirmava Paulo Freire, não transforma a sociedade, porém, a sociedade não se transforma sem educação. Nesse sentido, a construção de um espaço acolhedor e amoroso, onde as relações entre as diferentes pessoas e culturas não sejam abafadas, possibilita uma educação comprometida com a vida e, com as necessidades que cada um tem nela. A escola é um espaço rico de saberes, e estes precisam ser considerados na construção de suas práticas educativas e pedagógicas.

Antropofagia Cultural Brasileira, Paulo Freire e Intercultura

A antropofagia Cultural Brasileira (ACB) foi um movimento ocorrido na década de 1920, século XX que teve entre os seus principais objetivos a crítica à postura de cópia e imitação praticada pelos artistas e literatos brasileiros da época; e a construção de uma arte

com raízes nacionais a partir da valorização das diferentes culturas que deram origem ao povo brasileiro. Este movimento, foi marcado pela Semana da Arte Moderna de 1922, e teve como precursores personalidades como, Oswald de Andrade¹, Tarsila de Amaral, Anita Malfatti, Mario de Andrade, Raul Bopp, Menotti del Piccha, entre outros. Entre as obras produzidas pelos antropófagos podemos citar o *Manifesto Poesia Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928) de Oswald de Andrade; a obra *Macunaíma* (1926) de Mario de Andrade; os quadros *A Negra* (1923), *Abaporu* (1928) e *Antropofágia* (1929) de Tarsila de Amaral.

Através da devoração das riquezas étnicas e culturais do povo brasileiro, os antropófagos buscavam a criação de uma arte genuinamente brasileira. Uma arte que tivesse como material principal de sua essência criadora e criativa - além das riquezas naturais do Brasil - a cultura, os costumes e os valores de todos os povos habitantes e construtores do Brasil. A ACB pensava, através da arte, apresentar o Brasil aos estrangeiros, como muito bem afirmava Oswald de Andrade em entrevista a Joaquim Inojosa, para o *Jornal do Comércio*: “temos que apresentar o Brasil aos estrangeiros. Como, porém? Copiando deles e mal copiado? Trabalharemos por um Brasil brasileiro e característico” (ANDRADE, 1990: 36). Pretendiam os antropófagos criar e apresentar uma cultura brasileira, formada por meio da devoração de todas as raças que contribuíram para a formação dessa terra e dessa gente.

O princípio da antropofagia não era ignorar o novo, muito menos, desconsiderar o antigo. Para construir um “Brasil característico” era preciso considerar/entender/valorizar a cultura e a realidade vivida em cada cenário brasileiro. Não tínhamos que importar ideias vindas de “além mar” (BARCELOS e SILVA, 2007), sem nada a oferecer para as necessidades da nossa terra. Seria preciso escolher apenas o que interessava-nos, de acordo com nossas necessidades, vontades e desejos. Para tal discernimento bastava apenas uma atitude: *Devorar*. Devorar para criar. Destruir o velho saber para construir em cima, utilizando-o como matéria prima do novo, conforme sugere Maltz (1993) ao falar sobre o princípio antropofágico. Muito mais que uma crítica à arte que vinha sendo produzida no Brasil, que apenas copiava os costumes e valores europeus sem contextualização, a antropofagia sugere uma outra forma de olhar e pensar o mundo. A ACB convida a livrarmos da cópia e da submissão e/ou imposição a povos, culturas e ideias não contextualizadas, desafiando-nos ao exercício de um pensar livre, sem a pretensão de fórmulas e respostas prontas. Pois como bem afirma Oswald de Andrade, no *Manifesto*

¹ Embora a Semana da Arte Moderna e a ACB em especial, tivessem contado com a participação de muitos outros artistas, escritores e pintores, Oswald de Andrade é o fundador maior das ideias antropofágicas, considerado Pai dos pressupostos contidos na ACB. Dessa forma, adianto que este autor aparecerá de forma mais frequente e pertinente nestes escritos, ao referir-me as ideias antropofágicas.

Poesia Pau-Brasil (1924): “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.”.

Ver com olhos livres foi o que muito bem soube fazer o brasileiro Paulo Freire durante suas andanças de cidadão e de educador. Pelos lugares em que esteve Freire não levou, ou buscou *fórmulas prontas para a contemporânea expressão do mundo*, sabendo, como ninguém, *olhar com olhos livres* as diferentes formas de expressão do e no mundo. Como ele mesmo dizia:

A fundamentação teórica da minha prática, por exemplo, se explica ao mesmo tempo nela, não como algo acabado, mas como um movimento dinâmico em que ambas, prática e teorias, se fazem e se refazem. (...) A condição fundamental para isso, quanto a mim, é que esteja, de um lado, constantemente aberto a críticas que me façam; de outro, que seja capaz de manter sempre viva a curiosidade, disposto sempre a retificar-me, em função dos próprios achados de minhas futuras práticas e da prática dos demais. Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, se esforcem em recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto. (FREIRE, 2002, p. 19-20).

O processo de construção da prática freireana, não foi pensado e escrito solitariamente, mas, sim, na convivência com o outro, com o semelhante. Foi na busca de seu *vir a ser* que Freire construiu-se como educador. Na consciência de seu inacabamento, buscou antropofagicamente estabelecer relações com o outro. O convite antropofágico de devoração e criação foi vivenciado por Paulo Freire, à medida que conheceu e se fez conhecer nos diferentes lugares por onde transitou, estabelecendo uma relação de troca recíproca em que os saberes das pessoas e culturas envolvidas foram considerados. Sem parar de caminhar, Freire renovou-se constantemente, não só na palavra escrita, mas, na corporeificação dessa palavra pelo seu modo de vida. Como diria o pioneiro das ideias antropofágicas, Oswald de Andrade, a prática freireana reconheceu “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.” (1928). Um exemplo dessas vivências antropofágicas é trazido por Balduino Antonio Andreola, em seu artigo intitulado *Paulo Freire no caminho das Índias* (ANDREOLA, 2009). O autor conta um pouco das possíveis andanças de Paulo Freire, nos países da Ásia, trazendo, particularmente, sua passagem pela Índia e a contribuição de sua palavra para a construção de práticas pedagógicas libertadoras envolvendo os povos ditos intocados. A universalização das ideias pedagógicas trazidas por Freire, deve-se ao fato das mesmas terem como característica principal o exercício do diálogo. Nesse exercício, as realidades de cada lugar são ditas e consideradas, por meio da palavra de cada pessoa que constitui esse lugar. Como bem coloca Balduino, referindo-se a prática de Freire,

A fecundidade da pedagogia de Paulo Freire e a sua aceitação universal, em termos de planeta, creio que consista precisamente em respeitar o espaço da inteligência e da imaginação das pessoas e dos grupos, para criar experiências e desenvolver projetos que primem pela originalidade e a criatividade, nos quais as pessoas e as comunidades construam seus próprios caminhos de libertação e autonomia. Trata-se do desafio que ele nos lançou ao longo de toda a sua obra e através de sua andarilhagem por todos os caminhos do mundo: “Cabe a vocês criarem novas pedagogias”. (2009).

Esse, acredito, seja a principal característica da prática freireana que a torna antropofágica e intercultural, pois, nunca chega vazia e, no encontro com outros saberes se refaz e se recria de maneira única. Ao dissertar sobre tal experiência, Balduino Andreola enfatiza a possibilidade de renovação e criação contida nas ideias freireanas, as quais só são possíveis por valorizarem os saberes e experiências das pessoas envolvidas no ato pedagógico. Freire nos desafia/convida a invenção e a criação, a partir da *devoração* daquilo que temos e do que encontramos pelo caminho. Assim cada educador(a) constrói, ou pode construir, a sua pedagogia. Uma pedagogia intercultural, que respeite e valorize a os saberes e fazeres das pessoas envolvidas no ato de aprender/ensinar, ensinar/aprender. Uma perspectiva intercultural de educação implica, segundo Fleuri,

(...) mudanças profundas na prática educativa (...) pela necessidade de oferecer oportunidades educativas a todos, respeitando e incluindo a diversidade de sujeitos e de seus pontos de vista. Pela necessidade de desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que dêem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes. E pela necessidade de reinventar o papel e o processo de formação de professores(as). (FLEURI, R. M.; SOUZA, M. I. p. de. 2003).

A educação intercultural parte do princípio da importância das relações entre as culturas e, não, na sua exploração como objeto de estudo. Para a perspectiva intercultural o sujeito, os saberes e as experiências que ele constrói, a partir de suas relações, são o foco do processo educativo. Nesse sentido, “a ênfase na *relação intencional* entre *sujeitos de diferentes culturas* constitui o traço característico da relação intercultural.” (FLEURI, 2002, p. 138). No entanto, é importante lembrar que, embora os muitos eixos conceituais que entendem e refletem sobre as relações entre os diferentes grupos sociais, o que se busca é, como bem afirma Fleuri (2005, p. 94), apoiado nas ideias de Terranova, a “possibilidade de *respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos*.”. Paulo Freire, na construção de sua prática e de sua teoria soube muito bem ativar o potencial criativo e vital de cada pessoa envolvida na ação educativa, respeitando

suas diferentes formas de atuar e de se relacionar no e com o mundo. Será que não podemos fazer uma devoração antropofágica e intercultural de suas ideias para a construção de nossas práticas educativas?

Saberes antropofágicos e interculturais às práticas educativas...

Os saberes antropofágicos e interculturais das ideias freireanas sugerem à formação de professores(as), um repensar e reinventar constante. Mais que isso, sugere a libertação da cópia de modelos descontextualizados e a descristalização de saberes e de fazeres, que, digam-se de passagem já andam cansados e tristes. Professores(as) e alunos(as) constroem o espaço escolar a partir de sua cultura, de sua maneira de ser e estar no mundo. Parafrazeando Paulo Freire (2003), diria que a escola, é construída conforme o *gingado dos corpos* de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, *ao ritmo dos tambores*. E o *gingado dos corpos*... O *gingado dos corpos* é cultura. A cultura, como bem coloca Henz (2009) é feita por homens e mulheres a partir da maneira como se *“relacionam, permanentemente, uns como os outros e com o mundo”*. Dessa forma, segundo ao autor, homens e mulheres vão acrescentando, ao mundo, *“criações e recriações que se configuram como saberes e conhecimentos expressos pela linguagem e pelo trabalho”* (HENZ, 2009). Assim, vamos nos *fazendo gente* como diria Henz. Gente única, singular, impar. Somos todos diferentes. E a diferença é o que nos permite mudar, aprender, conhecer. É o estranho que nos instiga a ir além. É ele – o estrangeiro – que aguça-nos a curiosidade. No entanto, conviver com o diferente não é tão simples assim, pelo contrário, é desafiador. Conforme afirma Fleuri (2003),

Confrontar-se com estranhos não são relações fáceis e tranquilas. São relações profundamente conflituosas e dramáticas. (...) entender, pois, tais processos de relações interculturais torna-se a condição para não só compreender as lógicas que produzem a destruição mútua mas sobretudo para descobrir as possibilidades criativas e evolutivas das relações entre grupos e contextos culturais diferentes.

Nesse sentido, Fleuri e Souza (2003, p. 74), ao pensarem a Formação de Professores(as) para uma educação intercultural, que conheça e entenda as diferentes culturas e suas maneiras particulares de entender e estar no mundo, afirmam que:

Os modelos de formação de educadores(as) consolidados – ainda que cercados por muitos referenciais teóricos e conceituais, inclusive aqueles que questionam a forma etnocêntrica e monocultural as práticas pedagógicas, propagando a necessidade de uma formação para a diversidade, para a incerteza, para o sistêmico, para o desenvolvimento do pensamento complexo – apresentam ainda tendências de mecanismos de rigidez, de certezas absolutas.

O ritmo de cada um é que precisa ser considerado na prática pedagógica do professor(a). É a partir dele que deve ser pensado o espaço educativo de cada lugar, de cada contexto. Para tal construção é preciso que se aceite conhecer o diferente, o estrangeiro. É preciso estar disposto a conhecer cada ritmo, cada gingado, sem medo do estranho, mas, ao contrário, pronto para devorá-lo. Tal convite está de acordo com que sabiamente nos apontou o educador, Paulo Freire em suas andanças pelo mundo. Este autor em seu livro *A importância do ato de ler* (2003), nos aponta a consideração de que, muito além da leitura da palavra há que se fazer a leitura do mundo. É nela, na leitura do mundo, que nos reconheceremos como pessoas atuantes, construtoras da história e, também, construídas por ela. Freire entende o mundo como um texto a ser lido e interpretado a partir de cada contexto. Da leitura de cada um dos sujeitos envolvidos no ato educativo considerando seus saberes, sua cultura, sua forma de ser e estar no mundo. De acordo com a forma como estabelecemos as relações com o outro, e como agimos diante dos encontros e confrontos entre aquilo que nos é estranho e desconhecido que percebemos o mundo e construímos nossas leituras. A linguagem, em todas as suas formas de manifestação, oral, artística, literária, enfim, é a maneira como manifestamos tais construções. Logo, como bem coloca Freire (2003), “*a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente*”, dessa forma, ao pensarmos a prática da valorização da leitura do mundo, que cada sujeito do ato educativo faz, para construirmos uma prática pedagógica devidamente contextualizada, há que se considerar que: “*a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto*” (FREIRE, 2003, p. 11).

Mulheres e homens, texto e contexto, caminham lado a lado. Um não existe sem o outro. Por isso, pensar a Formação de Professores(as) considerando as particularidades e complexidades dessas relações é fundamental para se construir uma educação voltada às questões interculturais. Para tal, a escola, como muito bem sugere Paulo Freire (2001, p. 37), deve ser um espaço gerador de alegria e, a “*alegria de ensinar-aprender, deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes*”. É nessa escola geradora de alegria que a criação e a invenção terão espaço para acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE. O. Manifesto Poesia Pau-Brasil. **Correio da Manhã**. São Paulo, Março 1924.
- ____ Manifesto Antropófago, **Revista de Antropofagia**, ANO I, N° I. Piratininga, Maio, 1928.
- ____ Os Dentes do Dragão: entrevistas. Obras completas, 2 ed. São Paulo. Globo, 1990.
- ANDREOLA, Balduino Antônio. **Paulo Freire no caminho das Índias**. In: Anais do XI Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. UFRGS/FACED. Porto Alegre 2009.

BARCELOS, V; SILVA. I. S. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. In: CORREA. G.; PREVE. A.M. **Ambientes da Ecologia: Perspectivas em política e educação**. Santa Maria. UFSM, 2007.

FLEURI, R.M. **Educação Intercultural: mediações necessárias**. In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

___ **Intercultura e educação**. In: Revista Educação, Sociedade & Culturas. , v.23, p.91 - 124, 2005.

___ **Intercultura: estudos emergentes**. (org) FLEURI. R.M. Ijuí. UNIJUI, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

___ **Professora SIM tia não: cartas a quem ouve ensinar**. São Paulo. Olho d'água, 2001.

___ **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

___ **A importância do Ato de Ler**. Coleção Questões da nossa Época. São Paulo. Cortez, 2003.

HENZ, C. I. Educação e revolução cultural. Do descompasso entre a cultura escolar e a cultura popular para processos educacionais como práxis históricas. In: **Educação, Cultura e Resistência: uma abordagem terceiro-mundista**. BALDUINO, A. A.; HENZ, C. I.; BENINCÁ, E.; ROSSATO, E.; GUSTSACK, F.; GHIGGI, G.; CALLONI, H.; KROMBAUER, L. G.; AUKAR, P. T. A. (Orgs). Palotti-ITEPA-EST. Santa Maria, 2009.

MALTZ. B. Antropofagia: Rito, Metáfora e Pau-Brasil. In: FERREIRA. S.; MALTZ. B.; TEIXEIRA. J.; (Orgs.) **Antropofagia e Tropicalismo**. Porto Alegre - RS. Editora da Universidade/UFRGS, 1993.